

Encontro - Debate «Jóia, Espelho da Sociedade» §

Instituto Franco Português

25 de Fevereiro 2010 | 15h - 18h

Parceria : IFP | Ar.Co

Comissariado e Moderação: Cristina Filipe

Língua : Português e Francês

Tradução simultânea

Sinopses das Intervenções :

Brune Boyer, Cécile Michaud, Monika Brugger e Sophie Hanagarth.

Si depuis toujours, le bijou joue un rôle d'indicateur social, il traduit un état, un statut, une appartenance ou l'intégration de l'homme dans la société, il peut aussi marquer son exclusion. Parure intime et singulière, le bijou est un objet qui parle du corps, qui parle des liens tissés entre les humains, entre l'humain et la nature.

Depuis toujours, il s'invente avec les matériaux disponibles et les assemblages possibles selon les techniques, les symboles et la culture de son époque.

Le bijou contemporain est un courant formé dans les années 50 dans les pays scandinaves avant de se développer en Angleterre, en Allemagne et aux Pays Bas. Ce n'est qu'à partir des années 70 qu'un courant français se forme en s'affranchissant des métaux précieux de la bijouterie-joaillerie dont les artistes du bijou sont issus - ce qui explique peut-être en partie le retard que connaît aujourd'hui la France par rapport à ces pays. Trente ans plus tard de nouveaux créateurs issus de formations diversifiées comme les anciens Ateliers de Fontblanche à Nîmes ou l'Afedap à Paris, les Beaux Arts ou les Ecoles d'Arts Décoratifs comme l'Ecole Supérieure d'Arts Décoratifs de Strasbourg, interrogent de manière plus radicale le bijou comme objet pour le corps. Et "se définissent dans une position hybride privilégiée, pour envisager le bijou comme un lieu d'expérimentation installé aux frontières de l'art, du design et des arts appliqués."¹ .

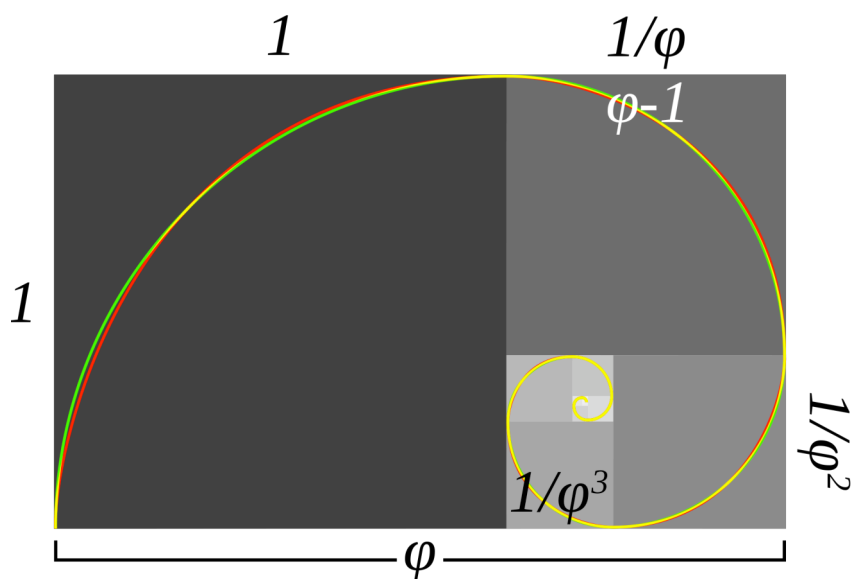
La communication à quatre voix autour de Monika Brugger, Brune Boyer, Sophie Hanagarth toutes les trois engagées dans une pratique artistique et l'enseignement et de Cécile Michaud, qui en tant que sociologue s'intéresse à la profession et ses singularités selon les segments. La communication essaiera de montrer les liens historiques, pour faire comprendre les spécificités nationales de cette pratique artistique, exercée dans un pays connu pour son luxe et la joaillerie, pays avec un passé riche en bijou.

Monika Brugger

Fourneau, février 2010

¹ AKAJ, also known as jewellery, exposition itinérante de la garantie, association pour le bijou. en 2009 - 2010 | AKAJ, also known as jewellery, travel exhibition organized by « la garantie, association pour le bijou » in 2009 - 2010

Ana Campos



Mitos e Roturas

Ao longo da história da humanidade o ouro tem sido encarado como valor material intangível. Plínio Secundo, na sua História Natural, a propósito do estudo do ouro enquanto minério, já referia também a construção de mitos e a ostentação em Roma. O ouro foi estando ligado a edificação de impérios, a pirataria, a guerras, a rotura de direitos humanos em minas, a problemas de impacto ambiental. A Nova Joalheria quis quebrar este mito, levantando questões sociais, crítica, e introduzindo o ouro como *medium* articulado com valores estéticos até aí situados no campo das Artes Plásticas. Entretanto, o capitalismo, sempre plástico, adaptando-se às circunstâncias, faz a apologia do crédito e trás uma crescente comoditização, sublinhando que outros produtos *mainstream* rivalizam com o ouro. Outros valores financeiros se levantam, invisíveis, não palpáveis. Eis que a crise introduz, no presente, novos factos: o ouro volta como alvo de investimento, agora visível, palpável. Em simultâneo, as jóias reclamam-se como não-produtos, como as obras de arte contemporânea. Os artistas joalheiros contemporâneos continuam a posicionar-se para além do mito do ouro, valorizando o processo em detrimento do resultado final e introduzindo novas questões epistemológicas nesta área de fronteira.

Ana Cardim



Não obstante o *adorno corporal* ser ele próprio *um lugar*– tal como uma pintura, uma escultura, ou uma instalação, um vídeo, etc. –, ele apresenta a particularidade de *habitar* um lugar móvel: *o corpo*.

O *corpo* é o seu *lugar de suporte*, é o seu *lugar de comunicação* que, por sua vez, o transporta para distintos lugares numa mobilidade que lhe confere um carácter privilegiado de *comunicador social*.

No meu trabalho como artista optei por explorar particularmente esta *mobilidade* desenvolvendo-lhe o potencial de reconversão em *espaço de sociabilidade* e/ou *lugar de discussão*. Os *objectos* gerados por este processo criativo são deste modo entendidos como *micro-dispositivos de interação* que permitem gerar diálogos dinâmicos – criar e recriar opinião crítica na esfera pública. Estes *objectos* transgridem esteticamente a função de adorno corporal comum adquirindo sobretudo um valor *político*. Constituem, neste sentido, um veículo de intervenção social que visa catalizar uma reterritorialização dos significados e propor novas vias de construção de sentido face a uma contemporaneidade predominantemente urbana, nas suas variadíssimas vertentes e consequências sociais e ambientais.

Cristina L. Duarte



Fotografia : Rita Carmo

a jóia como intervenção: arte/ género/ social/ moda

Se a jóia contar uma história, que factos – sociais, políticos, económicos, culturais - serão narrados?

jóia, s.f.

(Fr.joie, do latim gaudiu)

- a jóia tem género?
- a jóia na construção dos papéis de género
- arte & sociedade
- da criação à fruição, ao discurso da moda.

Luísa Penalva

OBJECTO – MEMÓRIA – MUSEU – PEÇA

O museu tem um papel de preservação da memória de um objecto como testemunho histórico civilizacional. A jóia como espelho de vivências emocionais, expectativas sociais, reflexo económico e político, tornou-se, desde os inícios da história da humanidade, como a forma mais “pessoal” de transmitir o que à sua volta se passa. Essa herança, esse legado histórico deve ser respeitado e apreciado de forma a todos poderem olhar para trás e entenderem-se como indivíduos e como povo.

O momento de baptismo no mundo museal de uma jóia concretiza-se na atribuição de um número de inventário que, ao conferir um estatuto legal á sua existência, vai atribuir-lhe direitos legais, de investigação, de cuidado e de preservação.

A palavra **memória** surge assim como chave para todo o trabalho num museu e a preservação destes objectos como obras de arte torna-se não apenas uma obrigação da sociedade mas também, e sobretudo, uma necessidade.